

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS: um estudo de caso do livro

Português: Linguagens

LARISSA ANDRADE SAID¹

RESUMO: O presente trabalho trata da variação linguística em livros didáticos, com ênfase no livro *Português: Linguagens* (2018), de Cereja e Vianna, para o 6º ano do ensino fundamental. Os objetivos foram descrever e analisar as partes do livro que incluíram e citaram a variação linguística de alguma forma, para estabelecer parâmetro de qualidade. Ademais, também foram propostas novas ideias para a concepção da abordagem da variação linguística em livros didáticos para o ensino fundamental.

Palavras-chave: Variação linguística; Livros didáticos; Ensino fundamental.

ABSTRACT: This paper deals with linguistic variation in textbooks, with an emphasis on the book *Português: Linguagens* (2018), by Cereja and Vianna, for the 6th year of elementary school. The objectives were to describe and analyze the parts of the book that included and mentioned linguistic variation in some way, in order to establish a quality parameter. In addition, new ideas were proposed for the conception of the approach to linguistic variation in elementary school textbooks.

Keywords: Linguistic variation; Textbooks; Primary education.

INTRODUÇÃO

Com base no texto de Lima (2014), analisaremos o manual do professor do livro didático *Português: Linguagens* (2018), de Cereja e Vianna, para o 6º ano do ensino fundamental. Nosso objetivo é identificar como a variação linguística é abordada no livro, de forma a oferecer adaptações e outras perspectivas.

Publicado em 2018 pela editora Saraiva, *Português: Linguagens* compreende as habilidades determinadas para o 6º ano do ensino fundamental pela BNCC (Base Nacional Curricular Comum). O livro apresenta 4 unidades, cada qual com 4 capítulos. As partes discutidas nesse trabalho são a introdução para o professor (parte não exposta aos alunos), o capítulo 2 da primeira unidade, que trata exclusivamente da variação linguística, e exercícios sobre variação por todo o livro.

¹ Tradutora, revisora e redatora. Contato: larissacorretora@gmail.com / +55 31 9 9321 6342

A ABORDAGEM

INTRODUÇÃO AO PROFESSOR

Logo na introdução, os autores demonstram quão importante é o tema da variação linguística, além de explicitarem que o ensino tradicional de gramática (com noções como *erro*) já não faz mais sentido no atual contexto escolar – “a reavaliação do peso de conteúdos tradicionalmente supervalorizados; a mudança de postura em relação à língua (eliminando, por exemplo, a noção de erro e inserindo a noção de adequação, ou abrindo espaço para a reflexão sobre as variedades linguísticas)” (CEREJA, VIANNA, 2018, p. IV).

É importante destacar que os autores expõem os problemas encontrados por professores que tentam modificar o método de ensino tradicional de gramática, como rejeição por parte de pais e alunos – “essa tentativa de renovação, em alguns casos, ainda é questionada por pais, alunos, coordenadores e gestores, os quais têm como referência o ensino de língua essencialmente pautado em práticas tradicionais de classificação e memorização, apenas.” (Ibid., p. VIII) – e dificuldade de adaptação – “talvez não encontre novos modelos nas teorias acadêmicas que criticam a tradição da gramática normativa, daí a dificuldade de construir uma nova prática com fundamentação, adequação, consistência ou amplitude suficientes” (Ibid., p. VII) – o que pode desencorajar o profissional. Entretanto, eles apresentam autores que podem auxiliar o trabalho, “como Rodolfo Illari, Maria Helena de Moura Neves, Angela Kleiman, Sírio Possenti, Marcos Bagno” (Ibid., p. VIII), além de informações ao longo do livro para preparar o docente.

Assim, Cereja e Vianna (Ibid., p. XXVIII) concluem que

A proposta de ensino de língua desta obra procura alterar o enfoque tradicional dado à gramática, voltado quase exclusivamente à classificação gramatical [...]. Não se trata de eliminar esse tipo de conteúdo, mas de redimensioná-lo e incluir no curso de Língua Portuguesa uma série de outras atividades que levam à aquisição de noções da maior importância, tais como: [...], variedades linguísticas [...], variações de registro [...].

A língua, nesta obra, não é tomada como um sistema fechado e imutável de unidades e leis combinatórias, mas como um processo dinâmico de interação [...].

Tudo isso demonstra a valorização da variação linguística dentro da obra, o que é comprovado tanto pelo capítulo especialmente dedicado a ela quanto pelos diversos exercícios no restante do livro.

CAPÍTULO 2 – DEPOIS DO FINAL FELIZ

No segundo capítulo da primeira unidade, voltado aos contos maravilhosos, há uma sessão inteiramente atribuída à variação linguística. Inicialmente, é fundamental apresentar o que a BNCC traz em relação ao tema.

Na introdução à Língua Portuguesa para o ensino fundamental, a BNCC (2017, p. 83) evidencia a importância de “Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica”. Ademais, a competência 4 de Língua Portuguesa para o ensino fundamental é “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (Ibid., p. 87).

Dessa forma, ela apresenta duas habilidades específicas sobre variação linguística para o 6º ano do ensino fundamental: EF69LP55, “Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” (Ibid., p. 161), e EF69LP56, “Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (Ibidem). Essas habilidades estão presentes no capítulo analisado e nos demais exercícios.

O capítulo se inicia com o conceito de variação. A partir de uma transcrição de uma entrevista com o autor Pedro Bandeira, que faz uso de uma variante coloquial do português brasileiro, diversas perguntas são feitas sobre esse registro. Perguntas como “Como se trata da transcrição de uma entrevista oral, é possível perceber no texto alguns traços mais comuns na fala do que na escrita. [...] Que palavras ou expressões encontradas no texto lido são comuns na fala de muitos brasileiros, mas não são admitidas na escrita convencional?” (CEREJA, VIANNA, 2018, p. 42) e

Por se tratar de um escritor reconhecido em todo o país, Pedro Bandeira pode ser considerado integrante da elite cultural brasileira. Discuta com os colegas e o professor: [...] A mesma fala poderia sofrer preconceito linguístico caso tivesse sido feita por uma pessoa sem escolaridade e com uma profissão pouco valorizada em nossa sociedade? Levante hipóteses: Por que isso acontece? (Ibidem)

são a base para a conceituação, que acontece logo em seguida.

No pequeno texto, alguns termos técnicos são usados, como *variação linguística* e *variedades de prestígio*, também é apresentada a diferenciação entre *norma culta* (conceituada

como *variedade de prestígio*) e *norma-padrão*. Ademais, o trecho também aborda o preconceito linguístico e tipos de variação linguística, por exemplo diferenças de lugar ou região, diferenças de classe social e diferenças no grau de monitoramento, além de ser acompanhado de um gráfico que mostra a quantidade de línguas e falantes em todo o mundo e de boxes (quadros com informações extras) com curiosidades sobre gírias e informações sobre os países que têm português como língua oficial. Para o professor, o livro dá algumas dicas e conteúdos extras que podem auxiliá-lo, como vídeos no *Youtube*.

Esse capítulo explica os termos técnicos e apresenta a variação de forma clara e compreensível para alunos de 11 anos. Ele cumpre de forma satisfatória as exigências governamentais, além de aprofundar no assunto e trazer textos reais para estudo. Além de tudo, por estar logo no início do livro, é muito importante para situar questões que serão discutidas em diversas perguntas no restante do livro.

QUESTÕES EM GERAL

Por todo o livro, questões de interpretação de texto retomam o assunto da variação de forma eficiente. Algumas dessas são “De acordo com essas conclusões, pode-se afirmar que os jovens: [...] sabem que os diferentes usos da linguagem devem se adequar às diferentes situações” (Ibid., p. 72), “Nas histórias em quadrinhos, a linguagem oral das personagens é representada por meio de balões. Observe algumas das falas das personagens da história lida [...]. Que palavras ou expressões dessas frases são mais comuns na linguagem oral do português brasileiro?” (Ibid., p. 85) e

As personagens das histórias em quadrinhos costumam usar uma linguagem simples e informal, isto é, bem parecida com a que empregamos no dia a dia quando estamos entre amigos e familiares. [...] Considerando o perfil das personagens e a situação de comunicação em que elas estão, responda: O uso dessa variedade linguística é adequado? Por quê? (Ibid., p. 99).

Além disso, há também diversos boxes com novas informações, por exemplo

Atualmente, alguns especialistas defendem a inclusão de **você**, **vocês** e **a gente** entre os pronomes pessoais do caso reto, pelo fato de esses termos, cada dia mais, estarem sendo utilizados, respectivamente, em lugar de **tu**, **vós** e **nós**.

[...] Na sua opinião, **você, vocês e a gente** deveriam figurar entre os pronomes pessoais do caso reto? (Ibid., p. 191, grifos dos autores)

e

Concordância verbal e variação linguística: Em algumas variedades faladas do português no Brasil, é comum o plural ser marcado apenas no primeiro elemento [...]. Também acontece de não se flexionar o verbo no plural quando o elemento com o qual ele concorda vem depois dele [...]. No português escrito e nas situações orais de maior formalidade, é recomendado o uso das regras da norma-padrão (Ibid., p. 284).

Tudo isso, aliado às informações extras dadas ao professor, faz com que o tema da variação seja trabalhado com atenção e cuidado, incorporado a outros temas da língua portuguesa, da forma como deve ser. Esse trabalho constante de análise da língua, junto dos assuntos mais tradicionais, como análises morfossintáticas, cria no aluno a consciência de que a variação linguística é um tema tão importante quanto os outros.

NOVAS PROPOSTAS

É fato que, quando analisamos o ensino nas escolas brasileiras, há certo distanciamento entre a língua portuguesa que é ensinada e a língua portuguesa que os falantes fazem uso. Bagno (2000) afirma que as classificações, terminologias, conceitos e definições da gramática normativa não são hipóteses científicas postas à prova em experimentações empíricas, constituindo-se em teorizações dos fenômenos da linguagem. De acordo com o autor, esses conceitos apresentados são iguais aos de gerações passadas, assim o ensino de algo diário e indispensável, torna-se irreal. O que leva, por sua vez, ao iminente e irônico distanciamento do estudante do idioma que ele mesmo utiliza em seu dia a dia. Mas então por que não existe uma aproximação dessas realidades de ensino e uso?

Bagno (Ibidem) comenta sobre a diversidade linguística encontrada no Brasil e destaca a importância de escolas e instituições voltadas à cultura abandonarem o mito de que não falamos bem o português e passem a reconhecer a variedade linguística que encontramos em nosso país. É, porém, perceptível que existe sim o reconhecimento da importância da variação linguística no desenvolvimento educacional do estudante, como demonstra Silva, Neto e Vicente (2015, p. 332):

O desafio de elaborar uma base nacional comum de currículo situa-se no difícil processo político de encontrar alguns consensos, mesmo que sempre provisórios. É um desafio e não uma impossibilidade, porque é possível conseguir momentos nos quais algumas ideias e processos se tornam hegemônicos e comuns, mesmo que muitos grupos fiquem descontentes ou percam espaços e poderes de regulação e influência nos sentidos das políticas.

Dado essa perspectiva, fica explícito que o problema na introdução desses conteúdos no ensino básico e médio, reforçado pelas citações, é dado pela ausência de consensos, mesmo que a instituição legal responsável pela regulamentação da educação brasileira reconheça a necessidade de mudança.

Para Mollica (2009) as variações linguísticas são vistas como estigmas sociais, e, em muitos casos, os educadores e as instituições não compreendem esse tema e não consideram as variantes que os educandos dominam. Entretanto, diferentemente do esperado, o livro em questão lida muito bem com a exploração da variação linguística, e não somente de uma forma meramente expositiva, visível no trecho gírias e identidade na página 45 do capítulo 2 presente na unidade 1:

A linguagem faz muito mais do que transmitir pensamentos e sentimentos. Ela pode revelar quem somos socialmente, isto é, nossa posição social, nosso grau de escolaridade, nossa timidez ou agressividade, nosso gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazemos parte, enfim, pela linguagem mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo [...].

Uma outra proposta numa discussão geral seria um possível conteúdo extra introduzindo pensamentos relacionados à discussão sociolinguística, mas novamente Português: Linguagens (2018) ultrapassa a imparcialidade dos livros didáticos e dedica um capítulo inteiro voltado a esse assunto: as discussões que são apresentadas e desenvolvidas no capítulo 2 da unidade 1. Há perspectiva de como a linguagem está intimamente ligada à temática social, explorando temas como a compreensão e a interpretação da língua, principalmente com foco na análise de um texto tema para todo o capítulo. Assim, o foco do capítulo é a oralidade em diversos contextos, a maneira como a linguagem se desenvolve por essa vertente, a forma com que é vista socialmente e academicamente, além de como a oralidade contribui para a língua enquanto fenômeno social. Então, esse capítulo é muito importante para demonstrar como a variação linguística é desenvolvida e sua importância para a sociolinguística, além de suas causas e contextos.

Ademais, o livro exemplifica o uso coloquial da linguagem feita por jovens. Além do conteúdo expositivo, eles denotam que esse uso não significa o desconhecimento da língua pelos jovens, mas sim a consciência da adequação de seu uso. Não obstante, numa perspectiva didática, o livro faz isso muito bem, já que não o faz de forma meramente demonstrativa. Essa conclusão é adquirida por meio de uma atividade, o que leva, conseqüentemente, ao exercício da análise do aluno ao ponderar e chegar a essa conclusão sozinho ou por uma reflexão em conjunto.

Dado isso, o livro não somente fomenta o pensamento crítico acerca da variação linguística de forma inclusiva ao aluno, como faz isso sem receio, não deixando apenas resquícios em rodapés, mas em atividades padrões do livro didático. O que, com base nos exemplos das reflexões citadas, não é uma realidade frequente nos livros didáticos de língua portuguesa no Brasil.

Entretanto, pensando numa perspectiva a ser melhorada, propomos a adição de um boxe acerca do termo *norma culta* utilizado no livro, na página 43, capítulo 2 da unidade 1: "Variedades urbanas de prestígio: também conhecidas como norma culta, são as variedades utilizadas por falantes com maior nível de escolaridade e, em geral com maior poder socioeconômico". De acordo com Bagno (2003, p. 42), "estaria este termo 'norma culta', ligado ao normal, ao corriqueiro, frequente e habitual, ou este termo refere-se àquilo que deveria ser, o normativo, tido como regra". Mas o que seria essa forma culta? E como poderíamos defini-la? Ao consultarmos o dicionário do Google (2022), temos que *Culto* é um adjetivo que qualifica aquela pessoa que tem cultura, que é instruída, civilizada ou informada. Logo, ao definirmos uma norma na língua como culta, dizemos que os que a utilizarem são dotados de cultura, mas os que não a dominarem não. Nessa lógica, uma pessoa não dominante da "norma culta" seria o mesmo que uma pessoa sem cultura, e essa afirmação se prova concepta vista que não há povo sem cultura. Qual seria então a intenção por trás de tal denominação de uma norma extremamente datada e tradicional, e a quem beneficia? Assim, a criação de um boxe que explique ao aluno essa problematização traria novas reflexões importantes acerca do tema.

CONCLUSÃO

O livro cumpre sua proposta de modificar o método de ensino de português, já que tem diversas instruções ao professor, apresenta uma sessão totalmente voltada ao tema (que

funciona como boa introdução), faz o uso constante de questões que o debatem no decorrer do livro, sempre usando termos técnicos com a devida explicação e textos reais para se aproximar da realidade do estudante.

Nossa proposta também acrescenta uma nova perspectiva para melhorar ainda mais o ensino em escolas públicas brasileiras. Desenvolver novas definições para termos pré-existentes pode impactar em uma problematização maior dessa visão socialmente distante para os estudantes mais jovens. O que contribui com a naturalização da oralidade linguística e com a construção e afastamento da ideia de que existe um uso mais bem visto (ou mais socialmente aceito), que deve ser seguido e valorizado como forma socialmente elevada de status.

Em suma, a totalidade do livro provoca no estudante a reflexão da sua própria língua, de forma que “o aluno deixe de aprender apenas a descrever a língua [...] e passe efetivamente a operar a língua como um todo, isto é, apropriar-se de seus recursos de expressão, orais e escritos, e utilizá-los de forma consciente, realizando também uma prática epilinguística” (CEREJA, VIANNA, 2018, p. XXIX), o que vai ao encontro dos objetivos propostos na introdução.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A norma oculta, língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BNCC. **Base Nacional Curricular Comum**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 08 dez. 2022.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Português: linguagens**, 6º ano: ensino fundamental, anos finais. 10ª ed. São Paulo: Saraiva, 2018. 356 p.

GOOGLE. **Culto**. 2022. Disponível em: https://www.google.com/search?q=culto&sxsrf=ALiCzsY939tE9a48yvp8CBB9woTMRVse6A%3A1671133763310&ei=Q3qbY9rFErnY1sQPudigkAE&ved=0ahUKEwia89Wysvz7AhU5rJUCHTKsCBIQ4dUDCBA&uact=5&oq=culto&gs_lcp=Cgxn3Mtd2l6LXNlcnAQAzIICAAQgAQQYwEyCAgAEIAEEMsBMggIABCABBDLATIICAAQgAQQYwEyCAgAEIAEEMsBMgg4ILhCABBDHARCvARDLATIICAAQgAQQYwEyCAgAEIAEEMsBMggIABCABBDLATILCC4QgAQQ1AIQYwE6BAgiECc6BggjECcQEzoECAAQQzoKCC4QxwEQ0QMzLCC4QgAQQxwEQ0QM6BQguEIAEOgUIABCABEoECEYYAEoECEYYAFAAWJoFYMsIaABwAHgAgAHrAogBsgISAQcwLjMuMS4xmAEAoAEBwAEB&sclient=gws-wiz-serp. Acesso em: 15 dez. 2022.

LIMA, Ricardo Joseh. Variação linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. 176 p.

MOLLICA, Maria Cecília. A formação em linguagem. In. MOLLICA, Maria Cecília (ORG.). **Linguagem**: para formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, I. L. F.; ALVES NETO, H. F.; VICENTE, D. V. **A proposta da Base Nacional Comum Curricular e o debate entre 1988 e 2015**. Revista Ciências Sociais Unisinos, v. 51, p. 330-342, 2015.